

# O SÉTIMO SELO

um filme de Ingmar Bergman

com Max von Sydow, Gunnar Björnstrand, Bibi Andersson

*Det sjunde inseglet*, Suécia, 1957 | 96' | P&B | M/12

Cópia digital restaurada

Festival de Cannes 1957 – Prémio Especial do Júri

*Um dos mais célebres filmes de Ingmar Bergman, O Sétimo Selo marca o imaginário de gerações através da sua famosa encarnação da morte (Bengt Ekerot), e da poderosa alegoria do jogo de xadrez entre a morte e um cavaleiro regressado das cruzadas (Max von Sydow). A evocação da iconografia e temáticas cristãs, colocadas num cenário medieval e cruzadas com a peste e a caça às bruxas, é posta ao serviço da reflexão sobre o tão humano sentimento de angústia perante a morte. Desespero, resignação, vida ou morte, O Sétimo Selo tem sido objecto de estudo e debate ao longo dos anos, e foi descrito pelo próprio Bergman como uma “superação” dos seus próprios receios.*

«Numa Idade Média pestífera, um cavaleiro e o seu escudeiro voltam das Cruzadas nada convencidos de que trabalharam para a glória de Deus. A Morte visita o cavaleiro, que procura adiar a partida jogando xadrez com ela. Entrementes, a sociedade estertora sob o horror da peste, o egoísmo dos homens e o obscurantismo geral. “O Sétimo Selo” é uma história de Apocalipse que, na segunda metade dos anos 50, garantiu a Bergman uma memória perene. Teve o Prémio Especial do Júri em Cannes (1957) e tornou-se o seu filme mais conhecido. É, ainda hoje, uma obra impressionantemente bela (a procissão de flagelados é digna de Brueghel) e perturbadora (quem fica indiferente à angústia do cavaleiro, ao ceticismo do seu escudeiro, à alegria simples do casal de comediantes com o filho pequeno?)»

Jorge Leitão Ramos, *Expresso*

★★★★★

«DET SJUNDE INSEGLET é certamente um dos três ou quatro mais célebres filmes de Ingmar Bergman, se não for mesmo o mais célebre. Sobretudo se medirmos a “celebridade” a partir de questões “iconográficas” (por assim dizer): esta figuração da morte, encarnada magistralmente por Bengt Ekerot, fixou-se no imaginário colectivo do século XX, citada e re-citada em dúzias de filmes (e muito para além de filmes).»

Luís Miguel Oliveira, *Ingmar Bergman – As Folhas da Cinemateca*, ed

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema



**NO DIA 30 DE JULHO DE 2007**

**Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni**

«Em Julho de 2007 vivi durante duas semanas numa pequena cidade Siciliana.

Gangi situa-se nas Madonias, a sudoeste de Palermo numa altitude de cerca de 1000 metros.

A cidade fica num outeiro como a ponta de uma pirâmide.

As ruas estreitas são demasiado íngremes para que haja trânsito.

Mas apesar da sua paisagem urbana medieval, Gangi é cheia de vida.

Um par de milhares de pessoas, jovens e velhos, vivem juntos num espaço bastante confinado, mas de um modo algo utópico.

Ao fim da tarde fazia sempre o percurso da pousada às planícies,

desde “Gangi Vecchio” à Piazza Belvedere, até ao ponto mais alto da pequena vila

para beber um copo,

observar os locais e olhar para o campo que se estendia.

Aos poucos conheci algumas pessoas,

o presidente da câmara, os assessores culturais, um professor

e os poucos agentes de polícia em Gangi.

Todos eles cinéfilos!

Eles reconheceram-me e conversaram comigo como outro cinéfilo.

Existira, até há pouco tempo, um cinema em Gangi, mas estava agora encerrado,

e os cartazes aí expostos

tinham já uns anos.

Na velha pousada trabalhei no guião do filme

Quería filmar ali perto na cidade de Palermo.

Tinha começado a prepará-lo na minha cidade natal de Düsseldorf

e agora encontrava-me aqui sentado a escrever o final.

A história tinha mudado ao longo do tempo.

A personagem principal era desde o início um fotógrafo, a quem eu chamara Finn.

Tinha em mente o actor e cantor da banda punk Die Toten Hosen (o equivalente alemão dos The Clash, mas ainda no activo), Campino, para o papel.

Há anos que queria fazer um filme sobre um fotógrafo.

Considerava-a uma vocação

através da qual se podia compreender de modo único a passagem do tempo,

e a forma como a revolução digital tinha lenta mas determinadamente

aprendido e alterado todos os aspectos da nossa vida.

Não havia muitos filmes sobre fotógrafos, ou pelo menos muitas longas-metragens. O único que me dizia alguma coisa era *Blow-Up* de Antonioni, um dos grandes clássicos modernos, um filme misterioso, em que Antonioni explora a natureza da fotografia, mas também a vida de um fotógrafo. Enquanto estudante de cinema assisti a este filme uma e outra vez...

O grande tema do meu filme estava intimamente relacionado com a essência da fotografia.

'Ver a morte fazer o seu trabalho...'

Foi Cocteau o primeiro a dizê-lo acerca do cinema? Ou Roland Barthes acerca da fotografia?

Enquanto trabalhava no livro outra figura surgiu na ribalta: A Morte, personificada. Primeiro, encarei esta noção com desconfiança, mas depois pareceu-me que seria melhor ter a Morte como personagem

do que simplesmente a ideia da morte.

E em Dennis Hopper em breve encontrei um actor para esta tarefa indiscutivelmente melindrosa.

Havia algo que, claro, devia admitir a mim mesmo: tal como *Blow-Up* era uma força inevitável na base do meu projecto, a importância de um outro filme não podia, simplesmente, ser negligenciada: *O Sétimo Selo* de Bergman.



Quando estudava medicina em Freiburg vi uma retrospectiva de todos os filmes que Ingmar Bergman tinha realizado até então. Recordo o impacto que *O Sétimo Selo* teve em mim nessa altura. Dei um grande passeio noite fora para processar o que havia acabado de ver. Isso foi muito antes de o cinema entrar na minha vida como uma possibilidade de carreira... Assisti ao filme várias vezes ao longo da vida. Eis a razão pela qual devo certamente agradecer a Ingmar Bergman pela ideia, mas também pela coragem de incluir a Morte personificada.



E eis a razão pela qual durante algum tempo constou no rascunho do meu guião uma dedicatória a estes dois filmes, a *Blow-Up* e a *O Sétimo Selo*.

Um dia no fim de Julho regressei ao meu café no alto da vila, e o dono cumprimentou-me de modo algo triste. Já tinha ouvido as notícias na rádio? Não, não sabia o que se passava. Ingmar Bergman morrera. Olhou para mim com pesar. Ficámos sentados durante muito tempo sem dizer nada, até o sol se pôr. Que perda! Os outros já sabiam das notícias quando chegaram. Foi uma noite solene em Gangi.

Bergman tinha conquistado um lugar no meu coração durante o tempo em que foi Presidente da Academia de Cinema Europeu. Defendera de corpo e alma a ideia de uma instituição pan-europeia unida e foi um dos seus pais-fundadores. Trabalhei com ele durante um par de anos como Director da ACE e impressionava-me constantemente com a sua amabilidade e honestidade para com todos nós. A sua morte em Julho de 2007 foi como se toda uma era do cinema tivesse chegado ao fim.

Na manhã seguinte passei de carro no único cruzamento em Gangi, onde se podia subir até à cidade

ou descer para circum-navegar a montanha através da vasta paisagem. O meu amigo, o polícia, estava a sinalizar o trânsito. Encostei ao pé dele e desci o vidro da janela.

Tinha lágrimas nos olhos quando me contou as notícias: Michelangelo Antonioni tinha morrido na mesma noite! Ele sabia que nós havíamos filmado juntos *Para Além das Nuvens* e consolou-me como se eu fosse um membro da sua família. Não queria largar a minha mão! E sim, em Gangi nós éramos também uma espécie de família do cinema.



Os dois últimos grandes do cinema europeu deixaram-nos na mesma noite. Eu não compreendia então o quão devedor de ambos era o argumento em que então trabalhava. Durante um par de dias andei como que entorpecido. Conduzi até Ferrara, para ir ao funeral de Michelangelo, mantive-me ao lado de Tonino Guerra enquanto observava um pedreiro construir um muro dentro do jazigo da família Antonioni até perder o caixão de vista.

Mas eu tinha que, em ambos os sentidos, continuar a escrever.

E *Blow-Up* e *O Sétimo Selo* permaneceriam, para mim, filmes de referência. Alterei, no entanto, a dedicatória, que mais tarde viria a aparecer no final do filme:

*Durante a preparação deste filme  
dois homens morreram no mesmo dia.  
Este filme é-lhes dedicado.  
Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni. † 30.7.2007*

*Escrito para este livro em 2015»*

Wim Wenders (in "The Pixels of Paul Cézanne: And Reflections on Other Artists", Faber & Faber)

[Trad. Camila Lobo]